



## **Produção de Telejornal: a experiência da Formação Modular na Anhembi Morumbi<sup>1</sup>**

Cristina Valéria Flausino<sup>2</sup>

Egle Muller Spinelli<sup>3</sup>

Eliane Fátima Corti Basso<sup>4</sup>

Maria Cristina Rosa de Almeida<sup>5</sup>

Valquíria Kneipp<sup>6</sup>

Universidade Anhembi Morumbi – São Paulo

### **Resumo**

Este trabalho apresenta a experiência pedagógica da formação modular em Produção de Telejornal do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, implantada em 2005. A formação modular prevê o encadeamento de disciplinas relacionadas ao telejornalismo, que, ordenadas sequencialmente ao longo de dois anos, culminam com a produção de um projeto experimental. Os alunos passam por todas as etapas do processo produtivo. A progressão e o compartilhamento do conhecimento vão da história do telejornalismo à produção de um projeto telejornalístico (programas de TV ou documentários), contribuindo para a experimentação e a formação de profissionais competentes e criativos na área.

**Palavras-chave:** telejornalismo; ensino de telejornalismo; teoria e prática; projeto telejornalístico.

Historicamente, as grades dos cursos de jornalismo no Brasil têm privilegiado a formação do aluno no jornalismo impresso, colocando os campos do telejornalismo, do radiojornalismo e, mais recentemente, do webjornalismo em posição de desigualdade em relação à carga horária. A difícil tarefa dos professores dessas áreas tem sido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Cristina Valéria Flausino - Mestre em Jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Jornalista formada pela Puccamp. Professora na Universidade Anhembi Morumbi. crisvalery@bol.com.br

<sup>3</sup> Egle Muller Spinelli - Mestre pelo Depto de Mídias/UNICAMP e doutora em Comunicação e Estética do Audiovisual pela ECA/USP. Atualmente é docente da Universidade Anhembi Morumbi no curso de Jornalismo, na área de produção de programas de TV, telejornais e documentários. egle00@uol.com.br

<sup>4</sup> Eliane Fátima Corti Basso - Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre pela mesma instituição. Especialista em Comunicação Social pela Universidade de Passo Fundo. Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas. Professora na Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. elianebasso@anhembi.br

<sup>5</sup> Maria Cristina Rosa de Almeida - Especialista em Comunicação e Educação pela Universidade Anhembi Morumbi. Graduada e pós-graduada em Jornalismo pela ECA/USP. Pesquisadora do NAP de Ciências Cognitivas da Poli/USP. Ex-coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. cris@anhembi.br

<sup>6</sup> Valquíria Kneipp - Mestre em Ciências da Comunicação – Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Doutoranda pela mesma instituição. Especialista em Teoria da Comunicação pela Fundação Cásper Líbero. Jornalista diplomada pela Unesp de Bauru. Professora da FGF - Faculdade da Grande Fortaleza e da FANOR – Faculdades de Nordeste, editora-assistente da Revista PJBR – Jornalismo Brasileiro da ECA/USP. valkneip@usp.br



concentrar em poucas disciplinas o extenso conteúdo teórico e a intensa prática para a preparação adequada do aluno. A experimentação e o potencial criativo, em geral, acabam sendo desenvolvidos durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) entre os alunos que optam por esses formatos.

No entanto, o rápido avanço das tecnologias da informação, em um mercado de trabalho altamente competitivo e cada vez mais exigente nas diversas áreas do conhecimento, tem exigido jornalistas criativos e, acima de tudo, multimídia, ou seja, com domínio da linguagem dos diferentes meios de comunicação. Essa conjugação de fatores impôs aos cursos de Jornalismo o desafio de reformular seu projeto pedagógico e suas grades curriculares tradicionais na tentativa de estabelecer um perfil profissiográfico mais adequado à demanda.

A partir de 1999, um ano após sua criação, o curso de Jornalismo da Anhembí Morumbi passou a promover uma ampla reformulação de sua grade curricular, iniciando um processo de alinhamento paulatino com as novas Diretrizes Curriculares da Área de Comunicação Social, elaboradas pela Comissão de Especialistas de Comunicação (CEE-COM) no mesmo ano, mas aprovadas pelo MEC apenas em 2001 (Parecer CNE/CES 492/01, de 03/04/01).

Ainda em 1999, quando se consolidou a perspectiva de flexibilização da Resolução 02/84, foram implantados no curso os Programas Especiais, constituídos por um amplo rol de disciplinas eletivas. No ano seguinte, com base em pesquisas de mercado e de demanda interna, os Programas Especiais oferecidos nos dois primeiros anos do curso foram transformados no Programa de Certificação Parcial, constituído por um conjunto de disciplinas que resultavam numa certificação parcial técnico-profissional. Seu objetivo era permitir ao aluno desenvolver habilidades específicas durante os primeiros períodos de sua formação universitária, conferindo-lhe uma qualificação que ampliasse suas condições de empregabilidade e antecipasse seu ingresso no mercado de trabalho.

A experiência bem-sucedida com esse programa preparou o terreno para a implantação, em 2002, da formação modular em Criação de Roteiros, que conferia ao aluno dois diplomas de nível superior: diploma de Curso Superior de Formação Específica (até o final da primeira metade do curso) e diploma de Bacharel (ao término do curso).

Em 2005, na busca de atender ao mesmo tempo às demandas tradicionalmente consolidadas em Jornalismo e às novas exigências do mercado, que apontavam para o



aprofundamento nas áreas do jornalismo eletrônico e digital, o curso lançou-se ao desafio de equilibrar a carga horária entre os diferentes campos de atuação, implantando uma nova Formação Específica integrada à grade curricular do bacharelado em Jornalismo: Produção de Telejornal.

Assim, ao concluir os dois primeiros anos de curso, o aluno tornar-se-ia um profissional de Produção de Telejornal, portando em sua bagagem os conteúdos e práticas das disciplinas de formação profissionalizante<sup>7</sup> oferecidas concomitantemente ao módulo de formação específica. Tal combinação o capacitaria a atuar como produtor de telejornal, com domínio das técnicas de produção de telejornalismo, desde a elaboração de pautas até a pós-produção, passando pelas fases de reportagem, entrevista, redação, apresentação e edição.

Nos dois últimos anos do curso, o aluno completaria a construção de seu perfil, para caracterizar-se como profissional que, tendo por principal missão garantir a todos os cidadãos o direito à informação, seria responsável por investigar, registrar e interpretar fatos atuais que mereçam o interesse público, transformando-os em mensagens jornalísticas (notícias e reportagens) claras e corretas e editando-os em espaço e período de tempo limitados. Neste paper, nosso objetivo é relatar particularmente a experiência na Formação Específica em Produção de Telejornal.

### **Formação Modular em Produção de Telejornal**

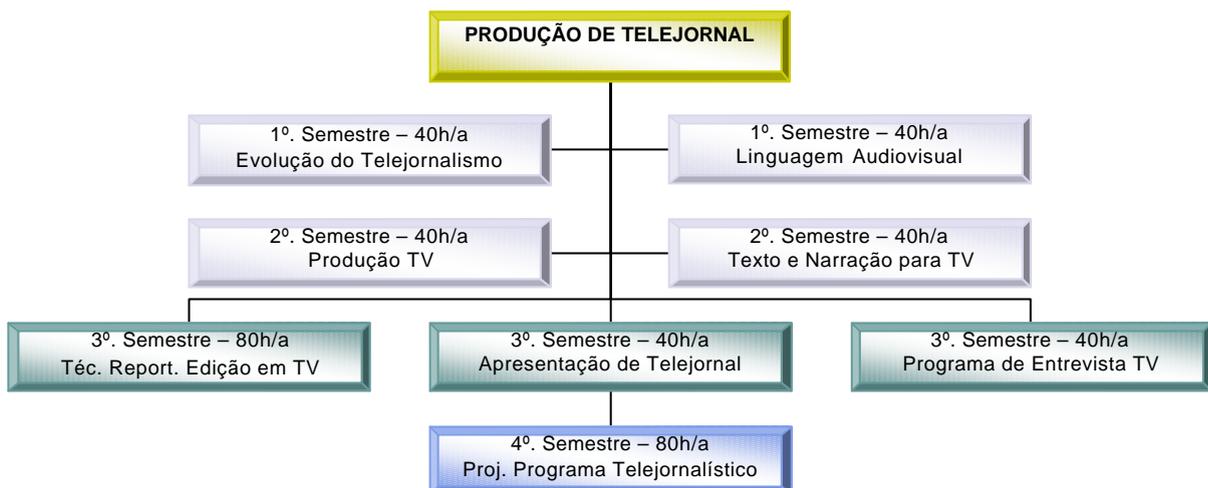
Até 2004, o ensino de telejornalismo no curso de Jornalismo da Anhembi Morumbi restringia-se a duas disciplinas que, juntas, somavam seis horas semanais, equivalentes a 120 horas/aula no semestre, “Telejornalismo” e “Técnicas de Redação em Telejornalismo”, oferecidas apenas no sexto semestre, como na maior parte dos cursos dessa habilitação da Comunicação Social. Um diferencial importante, que deve ser aqui registrado, é o de que na Anhembi Morumbi, desde o início, as disciplinas de formação técnica, incluindo as de telejornalismo, sempre foram oferecidas a turmas pequenas, permitindo o desenvolvimento de conteúdos de forma mais qualitativa. Ainda assim, o ajuste de todo o conteúdo abrangido pela área ficava limitado, por conta da

---

<sup>7</sup> A formação profissionalizante específica na grade curricular implantada em 2005 pelo curso de Jornalismo da Anhembi Morumbi abrange as seguintes disciplinas: Introdução ao Jornalismo; Técnicas de Reportagem, Pesquisa e Entrevista Jornalística; Radiojornalismo; Agência Experimental: Rádio Anhembi Morumbi; Técnicas de Reportagem e Edição em Radiojornalismo; Agência Experimental: Assessoria de Comunicação Integrada; Planejamento Editorial Jornalístico; Planejamento, Consultoria e Assessoria de Comunicação Integrada.

carga horária, à realização de em média dois telejornais por semestre para cada turma. Uma realidade que mudou a partir de 2005, com a formação modular em Produção de Telejornal, cuja implantação perseguiu os seguintes objetivos: a) proporcionar ao aluno contato com diferentes formatos de telejornais e experimentação do seu potencial crítico e criativo na produção audiovisual; b) capacitar o estudante para o domínio de linguagens e técnicas de produção de noticiários, em suas diferentes etapas: pauta, reportagem, entrevista, edição e apresentação; c) produzir telejornais e programas informativos de televisão, ambientando-o na estrutura da cadeia editorial do telejornalismo.

A nova formação modular, ministrada nos dois primeiros anos do curso por meio de um conjunto de oito disciplinas, com total de 400 h/a, visa, assim, promover o aprendizado em cada uma das etapas do processo telejornalístico. Esse nível educativo acomoda noções gerais da área no primeiro semestre, com duas disciplinas teóricas, e o ensino técnico, com seis disciplinas ministradas do segundo ao quarto semestre, que propiciam ao aluno o exercício prático da profissão, desenvolvendo as habilidades e competências necessárias para isso. Mais adiante, no sétimo semestre, os estudantes voltam ao laboratório para fazer experimentação com a linguagem de Web TV. Dessa forma, a carga horária destinada ao Telejornalismo acaba somando 440h/a até o final do curso.



Fluxograma: Estrutura do Curso de Produção em Telejornal

## Primeiro Semestre



No primeiro semestre, o aluno entra em contato com a história da televisão e do telejornalismo no Brasil e no mundo, além de estudar os fundamentos da linguagem audiovisual, com ênfase no formato documentário. Ambas as disciplinas do semestre, “Evolução do Telejornalismo” e “Fundamentos da Linguagem Audiovisual”, são teóricas, desenvolvendo-se por meio de aulas expositivas, pesquisas de campo, leituras críticas e seminários. A meta é propiciar ao aluno a formação de um repertório teórico sobre a televisão, alicerçado nas diferentes experiências existentes.

### **Segundo semestre**

É a partir do segundo semestre que tem início a produção prática, com as disciplinas “Produção em Telejornalismo” e “Texto e Narração para TV”. Ambas caminham com conteúdo integrado, estabelecendo um diálogo na construção do conhecimento, uma vez que o processo telejornalístico é entendido como resultado de uma cadeia editorial ampla, caracterizada por um conjunto de práticas que exige trabalho em equipe.

Funcionando como introdução geral à formação modular, “Produção em Telejornalismo” apresenta, em sala de aula, todas as atribuições de um produtor dentro da redação de uma emissora de TV. O conteúdo trata da rotina geral de produção da notícia na TV e, mais especificamente, da Pauta, primeira e decisiva etapa desse processo.

A princípio, a disciplina dedica-se a lançar luz aos procedimentos necessários à captação da notícia, por meio das centrais informativas ou rádios-escuta, e aos filtros representados pela chefia de reportagem e, principalmente, pelos critérios editoriais. Noções teóricas sobre *gatekeeping* e *newsmaking* ajudam a compor as aulas expositivas, estimulando a reflexão dos alunos acerca da seleção de notícias.

Em seguida, o estudante é levado a desmontar a estrutura da reportagem, a partir de noções básicas sobre o *off* da matéria, as entrevistas e os boletins do repórter. Ele também aprende que as reportagens são introduzidas e encerradas por textos lidos pelos apresentadores, chamados de cabeça do apresentador e nota-pé. Nessa etapa, ele percebe a extrema dinâmica de uma TV e compreende a necessidade do uso racional do tempo e dos equipamentos, além de descobrir que as reportagens têm um formato padrão.

É nesse momento que ele começa a perder algumas ilusões sobre a profissão. Ser repórter de TV exige, pelo menos nos primeiros anos de carreira, que se sigam



orientações claras sobre como proceder na construção de uma matéria, que se cumpram pautas pré-definidas pelas editorias, que se engesse a construção dentro de um modelo já exaustivamente usado, que se cumpram horários estabelecidos para sair e voltar à redação. Ele começa a entender que é apenas parte de uma engrenagem, que sua atuação é limitada por inúmeros fatores, que a criatividade é um componente usado com extrema moderação e que seu desejo de “mudar o mundo” pode muitas vezes permanecer apenas no campo ideológico.

Superada a decepção inicial do aluno, começa o não menos árido trabalho de levá-lo a desenvolver a estrutura da pauta na TV. Nessa etapa, conta principalmente a experiência dos professores que já passaram por redações de TV e têm noções de como elaborar essa estrutura. Há pouca ou quase nenhuma referência bibliográfica sobre como montar a pauta na TV. Em geral, os textos destacam sua importância, sem oferecer exemplos práticos que permitam ao aluno seguir modelos. Como recursos alternativos, busca-se captar pautas das emissoras de TV e gravar os telejornais correspondentes para utilizá-los como exemplo na sala de aula – mostra-se a pauta no papel e, depois, a reportagem pronta, exibida em vídeo.

Funciona em parte. O aluno é capaz de compreender o modelo, dividido basicamente em “Proposta”, “Informações”, “Encaminhamento Editorial”, e as “Marcações”, incluindo a “Retranca” (com algumas liberdades e pequenas variações). Mas esbarra em outros problemas, relacionados à sua imaturidade jornalística e à sua ainda incipiente capacidade de entender a dinâmica de um noticiário de TV.

Surge nessa etapa a necessidade de fazer o estudante compreender a natureza das notícias – outra área de estudo bastante deficiente. A classificação das notícias como “quentes” ou “frias” é insuficiente para abarcar toda a complexidade que envolve esse campo. Os estudos de Gay Tuchmann (1983), referenciados no livro *Decidindo o que é notícia - os bastidores do telejornalismo* (PEREIRA JR.: 2000, p. 90), são mencionados, mas a experiência em sala de aula demonstra que a classificação proposta pela autora mais provoca confusão do que elucida.

Diante dessa constatação, a opção tem sido pela produção de pautas a partir de editorias. Assim, o aluno começa pela produção de pautas sobre arte e cultura, propondo visitas a exposições, feiras, museus. Em seguida, sugerem-se temas mais complexos, por exemplo, na área do comércio, da saúde ou da educação. Ele é estimulado a fazer contatos, ligar para as fontes, fazer perguntas e “bolar” o encaminhamento da matéria através da pauta. Aos poucos, compreende que a pauta lida com uma substância fria,



mas que exige novos olhares. Em etapas subsequentes, é estimulado a criar ganchos, propor suítes e reportagens especiais a partir de eventos recém-ocorridos.

Durante todo o percurso, o aluno vai sendo “lembrado” de que a elaboração da reportagem proposta pela pauta requer um trabalho conjunto de “produção”, como meio de manter a sintonia com a proposta do curso. Ele aprende que, na rotina da TV, a produção anda junto com a pauta, definindo-se como a tarefa de marcar entrevistas, pedir autorizações de gravação e localizar personagens, entre outras atribuições práticas.

Ao final, o programa da disciplina conclui-se com uma ampla reflexão sobre como a rotina de produção da notícia influencia do formato à construção da reportagem e do próprio noticiário. O aluno ainda não está pronto para compreender a fundo a problemática das distorções da notícia, engendrada pelo seu modo de fazer, como sugere a *Teoria do Newsmaking*. No entanto, avança para o módulo seguinte com a visão geral de que a prática do telejornalismo segue padrões mundiais de rotina, formato de apresentação e formulação das notícias, com poucas variações, inserindo-se num processo em que as condições de produção acabam influenciando na qualidade do produto final.

A disciplina “Texto e Narração para TV”, também ministrada no segundo semestre do curso, é essencial não apenas para o domínio das técnicas de redação em telejornalismo, mas também para formar a consciência de linguagem necessária para atuar na área com competência. Inicialmente, o aluno entra em contato com as características do texto na TV, utilizando como base o livro *O Texto na TV: manual de telejornalismo*, de Vera Íris Paternostro. Segundo a autora, “no telejornalismo não existem fórmulas, mas algumas regras que podem ajudar o telejornalista a praticar o que se convencionou chamar de texto coloquial ou texto casado com a imagem” (PATERNOSTRO: 1999, p. 82).

É nessa etapa que o aluno começa a compreender que a linguagem da televisão exige texto próprio, diferenciado do texto do rádio e do impresso. Um estilo que combina textos curtos em linguagem direta e simples com imagens. Aliás, entender a força da informação visual e descobrir como relacionar texto e imagem são os grandes desafios do estudante.

Na disciplina, a produção se limita aos formatos mais básicos da notícia: nota simples, nota coberta e boletim (stand up/link); essencialmente, o texto e a postura do repórter e do apresentador. É uma preparação para que, no semestre seguinte, partindo da compreensão dos tipos de textos existentes no telejornal, o aluno aprimore seus



conhecimentos na produção de reportagens, conduzida pela disciplina “Técnicas de Reportagem e Edição em TV”, e no fechamento de telejornais, comandado pela disciplina “Apresentação de Telejornal”.

A funcionalidade dos textos é testada em atividades práticas. Num primeiro momento, o aluno produz textos de notas simples, realizando, em seguida, gravação em estúdio. Posteriormente, inicia-se a prática do texto do repórter, por meio de boletins, e a gravação em externas. A terceira etapa aplica as noções do texto casado com a imagem. É quando as duas disciplinas da formulação modular no semestre concentram esforços para trabalhar em conjunto. Em “Produção de Telejornal”, o estudante desenvolve uma pauta para nota coberta que será executada em “Texto e Narração para TV”. Dessa forma, o processo permite uma maior proximidade com as rotinas de produção da notícia.

Além da produção prática de textos, os professores desenvolvem análises críticas, em que os alunos transcrevem e debatem a formulação dos textos em telejornais diários da TV aberta. Ao final do segundo semestre, de posse do conhecimento das características do texto na TV, eles estão aptos a produzir pautas para reportagens e programas de entrevista.

### **Terceiro semestre**

As disciplinas “Técnicas de Reportagem e Edição em TV” e “Apresentação de Telejornal” trabalham integradas na produção de telejornais. Essa prática, realizada no terceiro semestre, equivale à que, na grade curricular anterior, o aluno exercia apenas no sexto semestre, na disciplina “Telejornalismo”. A diferença é que o estudante do terceiro semestre já está mais bem preparado para o processo de produção. Enquanto na antiga grade o aluno iniciava o programa da disciplina por noções de história, linguagem e produção em telejornalismo, agora ele inicia a produção da reportagem logo no primeiro mês de aula, uma vez que os demais tópicos já foram vistos nos semestres anteriores. O aluno executa a produção da notícia e realiza reportagem e edição de matérias telejornalísticas.

Tanto em “Técnicas de Reportagem e Edição” como em “Apresentação de Telejornal”, utiliza-se inicialmente a prática do modelo padrão. Nesse momento, toma-se como referência o Jornal Nacional, por se constituir em um dos mais antigos telejornais brasileiros – está no ar desde 1969 – e ter contribuído decisivamente para a



consolidação no País do modelo norte-americano de telejornal, de acordo com o qual os apresentadores, além de lerem as notas simples ao vivo no estúdio, chamam as matérias, que podem ser dispostas nos seguintes formatos: reportagens, notas simples e cobertas, boletins gravados ou ao vivo. Tais formatos evidenciam as principais características do Jornal Nacional, entre as quais, a busca pelo imediatismo e pela instantaneidade da notícia diária, responsável não apenas pela sua credibilidade perante o telespectador, mas também por tê-lo tornado um modelo padrão, imitado pelas outras emissoras de TV, tanto em termos estéticos como de linguagem.

A rotina de produção na disciplina procura se assemelhar à de uma redação. As reportagens produzidas em “Técnicas de Reportagem” são utilizadas na disciplina “Apresentação de Telejornal”, que não somente fecha os telejornais, mas também desvenda a estrutura do telejornal e diferencia o papel do apresentador tradicional do papel do âncora – termo surgido nos Estados Unidos para definir o profissional que centraliza as informações de um telejornal. O âncora envolve-se com todo o programa, tendo como funções orientar os temas que deverão ser cobertos pela reportagem, selecionar e estabelecer a duração de cada notícia, decidir que assuntos vão cair da pauta ou mesmo do espelho, determinar novas abordagens, enfim, direcionar a elaboração integral do espelho do telejornal, com a ordem das matérias. Em outras palavras, é o profissional que determina o estilo do programa, a imagem, a marca.

Na produção das reportagens, a disciplina dá ênfase ao levantamento e organização do conteúdo na pauta. Como o aluno ainda não domina o trabalho do repórter de rua, dá-se extrema importância ao item encaminhamento, em que são discutidas as melhores maneiras de conduzir a reportagem a partir de um pré-roteiro que conecta as informações que serão distribuídas por meio dos *offs*, passagens e sonoras.

Ao produzir, nessa primeira etapa, um telejornal padrão, o aluno passa a compreender que a grande variedade de assuntos cobertos por um telejornal de curta duração é uma das principais causas de sua superficialidade e fragmentação.

Já na segunda etapa do trabalho integrado, estimula-se a produção que extrapole o padrão tradicional. Em “Técnicas de Reportagem e Edição” são produzidas reportagens especiais. Em “Apresentação de Telejornal”, além de notas, boletins e reportagens, o aluno elabora editorial, comentário e crônica para o telejornal. O curso fornece estrutura e suporte técnico para a captação e finalização dos telejornais, que são realizados ao vivo, com entradas de link – uma prática com exigências, nível e características profissionais.



Parte do material produzido nessas disciplinas é disponibilizado no Portal de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, através do endereço eletrônico [www.anhembi.br/jornalismo](http://www.anhembi.br/jornalismo), mais especificamente na seção do telejornal on-line “Anhembi Notícias”, criada em 2005 e atualizada mensalmente, exceto nos períodos de férias e recesso acadêmico.

Ainda no terceiro semestre, o aluno cumpre, paralelamente a “Técnicas de Reportagem e Edição” e “Apresentação de Telejornal”, a disciplina “Programas de Entrevista em TV”, cujo objetivo é percorrer todas as etapas de execução – da produção à finalização – dos referidos programas, realizando ao mesmo tempo uma leitura crítica deles para identificar os diversos formatos praticados e vislumbrar novas possibilidades de formatação.

A disciplina inicia-se com uma reflexão teórica a respeito do ato de entrevistar, baseada no conceito do “diálogo possível”, proposto por Cremilda Araújo Medina, segundo a qual “a entrevista não é apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica.” (MEDINA, 2001, p. 5). O aluno é estimulado a pensar na entrevista a partir de questões levantadas pela autora sobre suas especificidades técnicas e possibilidades dialógicas, sobre consciência profissional e comunicação humana. E começa, então, a identificar os diferentes tipos de entrevista possíveis.

Na etapa seguinte, analisam-se as funções que o jornalista pode desempenhar num programa de entrevista, como diretor, produtor (HARRIS: 1990, p. 269 e 273), editor-chefe, editor de texto e editor-executivo. As funções técnicas, como diretor de TV, editor de imagens, operador e editoria de arte (PATERNOSTRO: 199, p. 141 e 146), desempenhadas em trabalho conjunto com os jornalistas, também são lembradas, dada a importância de se destacar a necessária relação de cooperação entre as duas áreas.

A disciplina prossegue com a elaboração de vários tipos de programas de entrevista: entrevista “um mais um”, entrevista “um mais dois” (YORKE: 1998, p. 149-150), debate, *talk show* (ARONCHI DE SOUZA: 2004, p. 143-145), coletiva e mesa-redonda, entre outros formatos. A produção desses programas é feita em grupos, nos quais cada integrante assume uma função definida. Após a elaboração de uma pauta, que é previamente discutida para escolha do(s) entrevistado(s), dá-se início às atividades de pré-produção, produção, roteiro do programa, texto para o teleprompter, fichas para o



apresentador, cenário, etc. O ponto alto das atividades é a gravação do programa em estúdio.

Ao longo do semestre, cada grupo grava de dois a três programas de entrevista. No primeiro, que segue o formato básico de entrevista “um mais um”, com dez minutos de duração (dois blocos de cinco minutos), um aluno entrevista um convidado definido pelo grupo. O segundo programa, no formato “um mais dois”, tem 15 minutos de duração (dois blocos de sete minutos e meio) e conta com a participação de convidados e um aluno entrevistador. Por fim, no terceiro programa, com 20 minutos de duração e divisão livre de blocos, os grupos têm liberdade de escolher o formato: *talk show*, debate, coletiva ou mesa-redonda.

Depois da gravação da primeira bateria de programas, os alunos fazem a decupagem do material bruto, elaboram um roteiro de edição, com a relação do gerador de caracteres e dos créditos finais, e desenvolvem a idéia inicial da vinheta de abertura e de passagem de bloco, além de fazer a seleção de trilha sonora. Na etapa seguinte, editam os programas em ilha não-linear.

Durante o curso da disciplina, também é abordada a questão do conteúdo informativo dos programas de entrevista brasileiros, assim como a visão crítica e a ética necessária para conferir-lhes credibilidade. Os alunos analisam ainda a trajetória dos mais importantes entrevistadores da televisão brasileira, com base no livro do jornalista Carlos Tramontina (1996), que dá ênfase à contextualização histórica de cada um dos personagens. Essa análise origina seminários, apresentados pelos alunos, sobre cada um dos entrevistadores.

Assim, ao longo do semestre, a entrevista televisiva é apresentada de forma teórica e prática, visando provocar questionamentos, estimular a criatividade e preparar o aluno para exercer as várias funções jornalísticas possíveis em programas desse gênero.

### **Quarto semestre**

No quarto semestre, a qualificação do aluno na formação modular é concluída com a disciplina “Projeto de Programa Telejornalístico”. Nela, grupos de em média quatro a oito alunos elaboram um projeto piloto de programa de informação ou de documentário para exibição em canais de televisão, incluindo em ambos os casos um estudo de viabilidade econômica e operacional.



É nesse momento, em que o aluno já tem domínio dos padrões prevalecentes no mercado de trabalho, que se estimula o desenvolvimento do potencial experimental, crítico e criativo no ambiente universitário. A disciplina permite e ensina a realização de produtos diferenciados, considerando o jornalista um produtor de conhecimento, e não apenas um relator de acontecimentos.

Nos três primeiros meses de aula, os alunos elaboram o projeto teórico, obedecendo a parâmetros semelhantes aos do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e baseando-se em amplo referencial ministrado na disciplina. Nos dois meses restantes, realizam o trabalho prático. No final do semestre, submetem-se à aprovação de uma banca examinadora formada por professores e profissionais da área.

O projeto teórico estrutura-se em dez itens, a saber: 1) delimitação do tema, 2) justificativa, 3) objetivos, 4) público-alvo, 5) cronograma de desenvolvimento das atividades, 6) referencial teórico, 7) referencial de linguagem, 8) estrutura do produto, 9) custos operacionais e recursos técnicos, 10) roteiro do programa/documentário, além de referências bibliográficas.

No segundo semestre de 2006, as primeiras cinco turmas a se formar em Produção de Telejornal realizaram 26 trabalhos, dos quais três programas para televisão e 23 documentários, resumidos no quadro abaixo.

#### Projetos realizados em dezembro de 2006

	<b>Programas/ documentários</b>	<b>Resumo da proposta</b>
01	Programa: Identidade	Série de programas com temática ligada aos grupos minoritários, excluídos da sociedade.
02	Documentário: Que mistério tem Clarice	A vida e a obra da escritora Clarice Lispector.
03	Documentário: Retratos de São Paulo	Crônica social contemporânea do espaço habitado, refletindo os problemas comuns dos habitantes da metrópole.
04	Documentário: Adoção – renúncia ao preconceito	Preconceitos, dificuldades e superação na adoção de crianças e adolescentes considerados “diferentes”.
05	Documentário: Vai pra onde...	Profissão taxista. A batalha diária para o sustento da família e os perigos do dia-a-dia trabalhando na maior metrópole da América Latina.
06	Documentário: Toca de Assis	O trabalho voluntário da instituição Toca de Assis, que atende moradores em situação de rua em São Paulo.
07	Documentário: Samba vela: que a divina luz ilumine todas as canções	A tradição do samba retratada pela comunidade Samba da Vela.
08	Documentário: Três esquinas: a rua é o palco	Os talentos ambulantes espalhados pelas ruas da metrópole.
09	Documentário: Prostituição de luxo	Relatos da vida de três garotas de programa de luxo.



	luxo	
10	Documentário: Invisíveis: relatos dos profissionais da limpeza	Histórias de vida de pessoas que ocupam funções discriminadas pela sociedade.
11	Documentário: Uma cidade chamada Copan	Entrelaça as narrativas de moradores sobre o que é viver no edifício com o maior número de habitantes do país.
12	Documentário: Mercado Municipal: histórias além do balcão	Mostra quem são os trabalhadores do Mercado Municipal de São Paulo e relata suas histórias de vida.
13	Documentário: Paulistinha: o avião que deu asas ao Brasil	História do avião “Paulistinha”, lançado em 1943. Primeira aeronave feita totalmente no país, foi um retumbante sucesso industrial e comercial.
14	Documentário: Brasil X Portugal: falamos a mesma língua?	Aborda as diferenças históricas da língua portuguesa na relação Brasil-Portugal.
15	Documentário: São Paulo em prosa e verso	Resgata as mudanças da cidade de São Paulo através da memória de seus moradores.
16	Documentário: Dificuldades e alegrias de quem salva vidas	“Um dia de Bombeiro” ou a realidade, quase nunca vista, do Segundo Grupamento de Bombeiros do Tucuruvi.
17	Documentário: Consumo: confecções de desejos	Reflexão sobre o ato de consumir na sociedade contemporânea e sua responsabilidade na marginalização de milhões de pessoas.
18	Making-off: Nos Bastidores das Vozes	<i>Making-off</i> do programa “Galera Gol”, da Rádio Transamérica FM. A preparação das notícias e dos convidados, antes, no decorrer e depois do programa.
19	Documentário: O Ritual	Apresentação da arte cemiterial e sua importância para conhecer o passado. Uma visita ao cemitério da Consolação de São Paulo.
20	Programa: Curtição	Grande reportagem, em quatro blocos, que registra uma viagem entre amigos pelas cidades de São Sebastião, Caraguatatuba, Ubatuba e Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo.
21	Documentário: Candomblé ritos e mitos	Desmistifica o Candomblé entre os leigos, com informações históricas da cultura afro e detalhes das crenças, rituais e preconceitos que a religião sofre.
22	Documentário: Tribos Urbanas	Mostra as tribos urbanas mais conhecidas atualmente, como Skatistas, Surfistas, Tranceiros, Góticos, Emos e Punks.
23	Documentário: Meu nome é João	Mostra a diferença que não faz a diferença, através da história de João Henrique de Arruda, um garoto de dez anos de idade com síndrome de Down.
24	Documentário: Quem você conhece? O Orkut no Brasil	Discute o sucesso do orkut no Brasil, com base no conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda, e as influências do site de relacionamento no comportamento social e psicológico do brasileiro.
25	Documentário: Pelos olhos de Anita	Um assentamento de Sem-teto na periferia de Guarulhos (Anita Garibaldi) abordado a partir dos principais artigos da Organização Mundial dos Direitos Humanos (moradia, alimentação, trabalho, saúde, educação e lazer).
26	Documentário: A busca de peixe	Um relato do cotidiano dos pescadores nas regiões de Ilha Comprida e Itanhaém.



O processo de aprendizado, resultante do ensino da teoria integrada à prática, proporcionou um avanço significativo na formação dos alunos na área do telejornalismo. O padrão alcançado pelos trabalhos finais das turmas é relevante tanto no nível técnico como estético, sendo possível enquadrar vários dos produtos nos parâmetros profissionais exigidos pelo mercado. O vídeo-documentário “Adoção: renúncia ao preconceito”, realizado com famílias de São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais, chegou a ser exibido em parte pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), no programa “Charme”. Cerca de outros dez trabalhos foram veiculados no Canal Comunitário de São Paulo. O resultado reflete o compromisso do curso de qualificar os estudantes para serem absorvidos pelo mercado, bem como para desenvolver trabalhos independentes.

## **Conclusão**

Com a formação modular em Produção de Telejornal, o curso de jornalismo conseguiu não apenas alinhar seu projeto pedagógico às exigências do mercado de trabalho, equilibrando sua grade curricular, como introjetar em seu corpo docente e discente uma visão mais contemporânea da área de atuação do jornalista. Formou, assim, massa crítica suficiente para um salto qualitativo em direção às tendências futuras do jornalismo, que prevêem a necessidade de profissionais capacitados tanto na produção multimídia quanto na gestão da informação, dentro e fora das redações jornalísticas. Mais do que isso, lançou as bases para que, em 2007, o curso implantasse uma grade curricular que, sem privilegiar esta ou aquela formação específica, conjuga todas as especialidades jornalísticas na modelagem de um perfil profissiográfico que combina as competências e habilidades clássicas do jornalista aos atributos do administrador de comunicação integrada e do gestor de informação especializada.

(...) sem informação jornalística – e pouco importa se ela o agrada ou desagrada, se lhe motiva paixão ou repulsa – o homem contemporâneo não consegue orientar-se na vida civil, profissional e mesmo afetiva; os mercados regridem em dinamismo e agilidade; numa era de especialidades, especialistas e tribos, é pelo jornalismo que se consegue ter contato com o que pensam os outros, isto é, aqueles que têm outras especialidades, circulam em outros meios, preferem outras coisas. (LAGE: 2001, p. 49)

Tal afirmação resume a convicção que permeia o atual projeto do curso de Jornalismo da Anhembí Morumbi. Apesar da retração da demanda por profissionais nas



redações, causada por fatores tanto estruturais (a concentração de empresas de mídia) como conjunturais (o endividamento das empresas jornalísticas brasileiras), e das imposições da lógica do mercado, que afetam a qualidade da informação e põem em xeque a credibilidade do trabalho jornalístico, o jornalismo nunca foi tão fundamental para a sociedade como é hoje.

O jornalismo como conhecimento é condicionado por sua produção industrial como mercadoria, por valores ideológicos de seus produtos, pelo autoritarismo de suas formas, pela arbitrariedade de suas escolhas, pelas suas falsas categorias que a sua tradição e sua técnica (...) construíram. No entanto, tem potencialidade muito maior do que a ciência de revelar o novo. (MEDITSCH: 1992, p. 56)

É essa potencialidade do jornalismo e do jornalista como produtor de conhecimento que o curso de Jornalismo da Anhembi Morumbi se propõe a explorar. A intenção de preparar profissionais éticos, críticos e reflexivos, capazes de tratar com precisão e honestidade a informação que destinarão a seus públicos – independentemente do veículo utilizado ou, melhor ainda, por meio de seus próprios veículos –, oferecendo-lhes uma formação que tenta combinar, em doses equilibradas, teoria e prática, em busca da práxis, vem ao encontro dessa proposta.

### Referências bibliográficas

- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.
- LAGE, Nilson. “A Bolha Ideológica e o Destino do Jornalismo”. In: *Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: PUC – Departamento de Comunicação Social, jul/dez 2001. p. 40-52.
- MEDINA, Cremilda Araújo. *Entrevista - o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2001.
- MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis: UFSC, 1992.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV – Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gili, 1983. apud: PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia - os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- TRAMONTINA, Carlos. *Entrevista – A arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira*. São Paulo: Globo, 1996.
- YORKE, Ivor. *Jornalismo Diante das Câmeras*. São Paulo: Summus, 1998.
- WATTS, Harris. *On Câmera*. São Paulo: Summus, 1990.